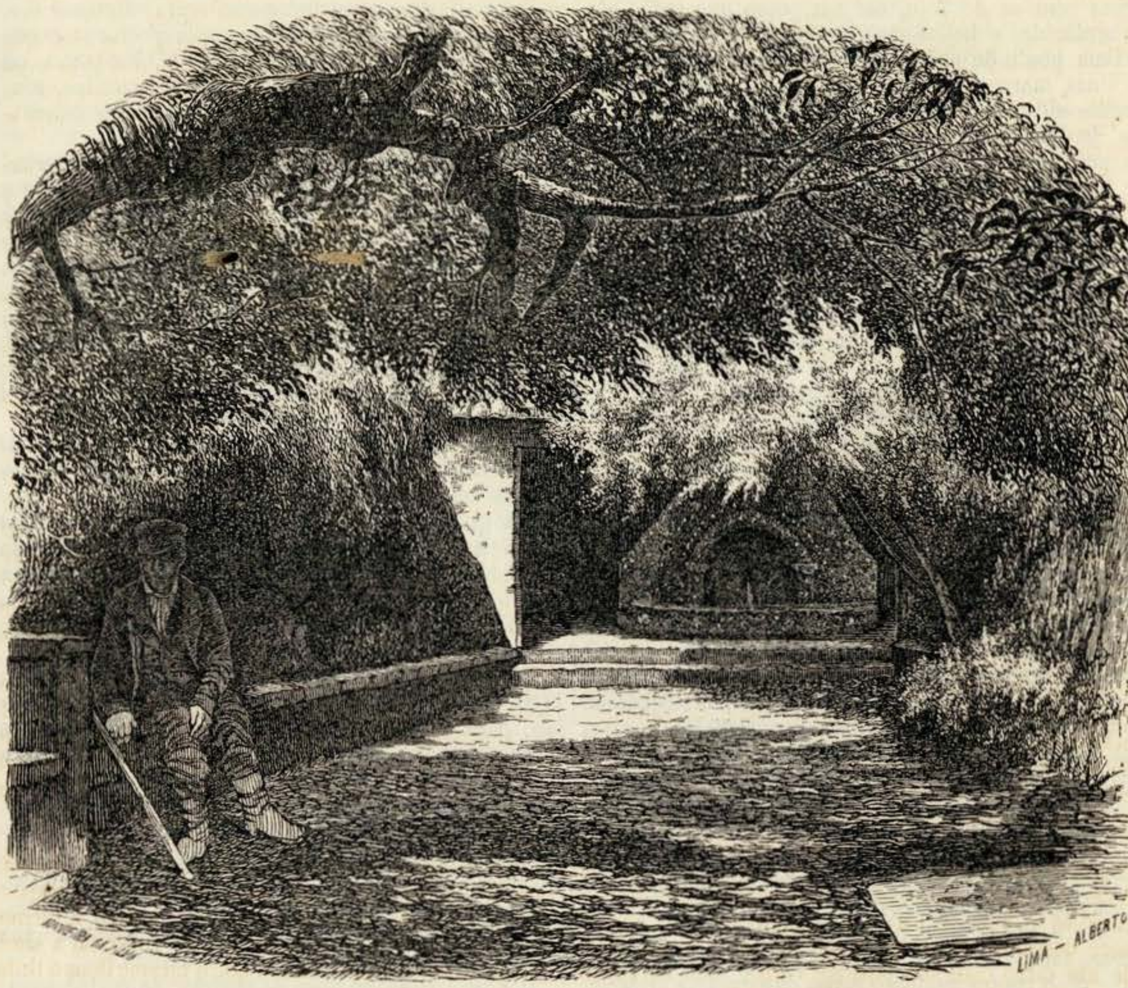


Atrio do convento dos Capuchinhos na serra de Cintra — Desenho de Nogueira da Silva

Démos já [1] a vista interior da egreja d'este singular eremiterio, que nenhum viajante intelligente que vae a Cintra deixa de visitar, porque os guias lhe fallam logo no *convento da cortiça*.

A estampa que hoje publicâmos representa ao natural, o atrio d'esse antigo mosteiro, solitario, convivendo só com as arvores e vegetação que o cercam, e lhe dão o aspecto de uma das mais tranquillas e virentes paizagens d'aquella real villa.

A figura que ahi vêdes sentada, é o velho e coxo ermitão, do tempo dos frades, e ainda hoje o guarda fiel d'aquelle monumentinho.

BATALHA DA PONTE DE ALCANTARA [2]

1580

O arraial de D. Antonio, posto que mal fortificado, com o rio de Alcantara diante de si como fosso natural, e as tropas collocadas em posições, d'onde sem grandes perdas não seria facil desalojal-as, era o unico obstaculo que se oppunha a que elle rematasse a campanha por meio de um pacifico triumpho.

Sabia por emissarios seus, que a cidade, entre o receio da espada castelhana e o temor da furia da plebe, suspirava pela liberdade de algumas horas para lhe entregar as chaves, pondo termo, por uma vez, á insupportavel anxiedade que padecia, desde que o pretensor se acclamára dentro de seus muros.

Tudo o aconselhava, pois, a não demorar o golpe, de que dependiam os derradeiros sorrisos da fortuna.

Mas se ao desembarcar em Cascaes ostentára os brios de mancebo, aqui a necessidade e a occasião lembravam-lhe os seus cabellos brancos, a gloria de uma longa carreira, e a prudencia, mãe das maduras resoluções.

Não confiando de nenhum de seus capitães o cuidado de reconhecer o inimigo, nem de outra informação que não fosse a sua, o juizo das difficuldades, avançou de Belem no dia 24 de agosto pela manhã, e subindo a uma collina visinha do campo portuguez, alongou por elle todo muitas vezes a vista, contemplando-o de vagar e silenciosamente, e estudando comsigo a maneira de o combater. [1]

As suas tropas, senhoras da Junqueira e de Santo Amaro, estendiam-se até ao sitio, então deserto, aonde

[1] A pag. 377 do II vol.

[2] Esta admiravel pintura da desastrosa batalha que entregou Portugal aos Castelhanos, foi-nos offerecida pelo nosso fecundo collaborador Rebello da Silva, e fará parte da introducção da sua *Historia de Portugal*, desde a revolução de 1640.

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III, pag. 120 v. e 121.— Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VI.—Diogo Queipo de Soto Mayor — *Descripcion de las cosas succedidas en los reynos de Portugal*, fl. 125 e seguintes.

depois se construiu a morada do doutor Paulo de Carvalho, e dominavam a margem esquerda do rio de Alcantara, rio, ou ribeiro, que desce dos montes situados á direita de Lisboa, e vem misturar as suas aguas com as do Tejo, em um ponto que então era só arrabalde, e hoje fórma um bairro populoso.

Uma ponte de pedra, que lhe deu o nome, ligava as duas margens; e uma casa, unica habitação n'aquelles sitios ainda ermos, e agora tão frescos de hortas, jardins e residencias, levantava-se solitaria junto da ponte com duas entradas, uma sobre o caminho de Belem, e a outra sobre a estrada de Lisboa.

Attrahidos por esta vantajosa exposição, os nossos occuparam-n'a logo, e rasgando-lhe seteiras em todos os andares, converteram-n'a n'uma especie de reducto. Um pouco diante, quasi aonde a corrente se perde no grande rio que banha a capital, alvejavam uns moinhos, de que os portuguezes se haviam tambem apoderado. [1]

Á direita do exercito hespanhol corria o Tejo, que mede n'este logar quasi a largura de um braço de mar. Pela sua esquerda o Alcantara, entalado entre as ribeiras, estorcia sobre o leito sinuoso uma veia empobrecida pelos ardores do estio.

Á direita dos portuguezes apoiava-se nas encostas, que ainda então se penduravam mais ingremes a beijar a agua, cobertas de olivaes e arvoredo, os quaes offereciam em cada tronco um abrigo aos soldados de D. Antonio.

A praça de armas do seu arraial, collocada nos outeiros que se alteavam fronteiros á ponte, era defendida por duas linhas de trincheiras, e sustentada com cercas, parapeitos e reparos construidos á pressa nas eminencias proximas, e affeiçoados á natureza do terreno.

Muitas boccas de fogo plantadas nos pontos mais proprios, ameaçavam qualquer movimento intentado contra a frente pelo inimigo.

Os navios da armada do pretensor, fundeados em linha, com as prôas ao mar, e a artilheria sobre varandas e andares de madeira, jogava com todas as peças, tanto contra as naus e galés, que viessem pelo rio, como contra qualquer corpo que ousasse arriscar-se á temeridade de subir a ladeira, para atacar os portuguezes por aquelle lado.

A margem, a que os baixeis quasi se encostavam, como para dar a mão ás forças de terra, e o respeito dos numerosos canhões apontados, deviam desviar os terços castelhanos de tão atrevido passo, em quanto o esforço do seu poder naval não calasse o fogo dos nossos vasos.

Na testa d'esta linha de batalha, que mereceu até o louvor dos adversarios, avultava o galeão «Bota-Fogo» (S. João) tão celebrado depois da famosa expedição do imperador Carlos V. Junto d'elle, em ordem cerrada, figuravam os outros oito galeões, que, unidos a trinta e seis naus, formavam toda a frota de D. Antonio. [2]

Nenhuma das vantagens, que tão boa disposição proporcionava ao exercito do prior, escapou ás observações do general.

O valle que se desdobrava aos pés das eminencias, dominado pela artilheria de D. Antonio, concedia mui limitada área ás manobras, e para egualar a peleja, e aproveitar a superioridade dos seus veteranos, o duque tinha de os mandar vadear o rio e escalar as alturas debaixo de fogo, operação arriscadissima, mesmo em presença de milicias bisonhas.

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VII. — D. Serafin Calderon, *Campaña del duque de Alba*, artigo 3.º

[2] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III. — Queipo de Soto Mayor — *Descripcion de los casos succedidos en los reynos de Portugal*, fol. 131 e seguintes. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. VII. — D. Serafin — *Campaña del duque de Alba*, artigo 3.º

Entretanto a vista do velho capitão logo colheu no primeiro relancear os defeitos que accusavam no systema geral, e nos pormenores da defesa, a falta de engenheiros habilitados. Trincheiras e parapeitos mal revestidos; reparos construidos sem regra; algumas cercas levantadas com pedras soltas sobrepostas; e o que era peior ainda, a má ligação de tudo, e a pouca, ou nenhuma correspondencia das obras destacadas, roubavam ás fortificações do prior o valor que ostentavam na apparencia.

O duque acabou de se confirmar nas suas esperanças, notando que se havia só attendido a defender a face das posições, esquecendo inteiramente as duas alas do campo, na falsa idéa de que, ficando-lhe Lisboa nas costas, um general tão senhor dos segredos da sua arte, como D. Fernando Alvares de Toledo, nunca os investiria por movimentos de flanco, em quanto accommettesse a ponte e a frente do arraial, pontos objectivos do ataque. [1]

O plano, alli mesmo concebido, não desmentiu a sua reputação.

Determinado a distrahir o inimigo com rebates simultaneos durante a noite, deu as ordens convenientes sem hesitar. [2]

Em quanto a inquietação obrigava as companhias de D. Antonio a não largarem as armas, acudindo enganadas a uma e a outra parte, os cabos a quem o generalissimo entregára o commando dos corpos de que dependia o exito da acção, apercebiam-se para corresponder á sua confiança.

No rio, o marquez de Santa Cruz aguardava que a hora da maré despertasse o primeiro sopro das brisas, para levantar ferro, e combater as naus e galeões portuguezes, os quaes sabia, em virtude de occultos tratos, que apenas lhe opporiam leve resistencia.

O prior-mór de Castella, D. Fernando de Toledo, general da cavallaria, á testa de duas mil lanças, homens de armas e arcabuzeiros, costeando o leito do Alcantara, e encobrindo-se com as quebradas e irregularidades do terreno, devia marchar até um sitio, aonde a subida menos aspera, e a passagem da agua menos exposta, lhe facilitassem o assalto.

O duque reservou para si entreter os portuguezes, attrahindo-os á ponte, cujo ataque não queria empenhar deveras, em quanto as tropas incumbidas do ataque dos flancos não travassem a lucta, prevendo que ellas chegariam mais tarde, em consequencia do largo rodeio a que eram forçadas.

A execução não illudiu os seus calculos.

Apenas anoiteceu, as caixas e trombetas, soando em todos os quarteis hespanhoes, repetindo-se e crescendo com fingida braveza, interromperam de repente o somno agitado dos defensores de D. Antonio. Na incerteza de um ardil, ou de um assalto nocturno, as companhias formaram-se, os esquadrões reuniram-se, e até romper a aurora ninguem cerrou os olhos, amanhecendo tão cortados de forças, como os desejava o seu antagonista.

O general da artilheria, D. Francez de Alava, ainda lhes aggravou o sobresalto, rompendo o fogo das baterias contra as trincheiras e reparos, e em especial contra a praça de armas e alojamentos do pretensor. Sobre a madrugada, o exercito castelhano principiou a mover-se.

O centro, em numero de seis mil infantes, dividiu-se em tres batalhas. A primeira, composta dos veteranos de Sicilia, Napoles e Lombardia; a segunda dos soldados de D. Rodrigo Çapata e D. Gabriel Nino; e a terceira da gente que pertencia ao terço de

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. — D. Serafin Calderon — *Campaña del duque de Alba*, artigo 3.º — Diogo Queipo de Soto Mayor — *Descripcion de las cosas succedidas en los reynos de Portugal*, fl. 131 e seguintes.

[2] *Ibidem.*

D. Luiz Henriques. D'estes, e do esquadrão dos allemães, saíram dois mil e cem arcabuzeiros, repartidos em sete mangas de trezentos cada uma, para guarnecerem a frente e os flancos.

A coronelía dos tudescos do conde de Lodron occupou uma capellinha proxima da emboccadura do rio, reforçando-a os italianos e os atiradores, para os cobrir.

Aggregaram-se-lhe alli tambem as restantes bandeiras dos allemães, e as de D. Martim de Argote e D. Antonio Moreno. A força de todas estas tropas, que constituiam a ala direita, em quanto as do prior-mór de Castella compunham a esquerda, não excediam de outros seis mil homens de infanteria.

Finalmente Sancho de Avila com dois mil e cem arcabuzeiros, destacados do centro, poz-se em marcha a fim de passar o rio muito acima da ponte, e de caír não esperado pelas costas, como o prior de Castella, sobre os inimigos encerrados dentro das suas linhas. [1]

O conflicto proximo era para estes a realidade dos terrores com que luctavam. Quando o crepusculo da manhã começou a raiar uma luz ainda indecisa, viu-se estampada no rosto da maior parte a pallidez da fadiga e do temor, visiveis signaes d'esse profundo desalento, que de ordinario é sempre o precursor das derrotas.

(Continúa)

BREVE DISSERTAÇÃO

SOBRE O LOGAR DA SEPULTURA DA RAINHA D. MAFALDA, MULHER DEL-REI D. AFFONSO HENRIQUES

I

São concordes todos os nossos historiadores, modernos e antigos, em que a rainha D. Mafalda, mulher del-rei D. Affonso Henriques, foi sepultada no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra [2]; *ignora-se, porém, o local preciso*, diz o illustre A. das *Memorias das Rainhas, por não restarem vestigios do seu tumulo, nem devemos dar fé aos que dizem, que seu corpo se transferíra para o novo mausoléo, dedicado pelo rei D. Manuel á memoria do fundador da monarchia, onde os restos d'este jazem actualmente.* [3]

E em nota acrescenta o mesmo distincto escriptor: «Se as cinzas das duas rainhas *(D. Mafalda e D. Dulce)*, houvessem sido encerradas nos novos tumulos, é de presumir que os epitaphios, que o rei D. Manuel mandou lavrar n'elles, tivessem registrado o facto; mas nem uma palavra se lê a similhante respeito.»

«Em 1832, D. Miguel mandou abrir o mausoléo de D. Affonso Henriques: examinou-se o interior, e acharam *unicamente o corpo* d'aquelle monarcha. Uma testimunha ocular é quem nol-o certificou: é empregado ha muitos annos na egreja de Santa Cruz. A um amigo nosso fez a mesma declaração outro individuo que se achára presente áquelle exame.» [4]

Em quatro argumentos se baséa, pois, o illustre A. das *Memorias das Rainhas* para sustentar, que *se ignora o local preciso* onde jaz D. Mafalda no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra:

1.° *Não restam vestigios do tumulo da rainha.*

2.° *Não merecem credito os que dizem, que seu corpo se trasladára para o novo mausoléo del-rei D. Affonso Henriques.*

3.° *Os epitaphios não fallam das rainhas.*

4.° *No mausoléo de D. Affonso Henriques, aberto em 1832, achou-se unicamente o corpo d'este monarcha.*

Faremos a cada um d'estes argumentos uma breve analyse critica, como requer a natureza d'este escripto.

II

Não restam vestigios do tumulo da rainha.

É certo que não existem vestigios do tumulo da rainha, nem podiam existir; porque foi sepultada, assim como seu marido, sob uma campa rasa.

É o que nos assevera o dr. Fr. Antonio Brandão no liv. x, cap. xxxviii da *Monarchia Lusitana.*

«Falleceu a rainha D. Mafalda em a cidade de Coimbra, ordinaria morada então dos reis de Portugal, e foi sepultada em o mosteiro de Santa Cruz da mencionada cidade. *Não foi a sepultura qual se devia á sua grandeza, que os principes d'aquelle tempo usavam de menos fausto.*»

Nem é para admirar, que, em epocha de tamanha simplicidade e rudeza, humilde fosse a sepultura d'aquella rainha, quando, seculos depois, na que se diz de opulencia e grandeza, sob uma campa rasa foi tambem sepultada a preclarissima D. Leonor, mulher del-rei D. João ii. [1]

III

Não merecem credito os que dizem que o corpo da rainha se trasladára para o novo mausoléo del-rei D. Affonso Henriques.

Cremos que o primeiro que fallou d'esta trasladação foi o dr. Fr. Antonio Brandão; eis-aqui as suas palavras.

«O grande rei D. Manuel mandou fazer dois sepulchros insignes para jazigo dos primeiros dois reis, que estavam sepultados n'aquella casa de *Santa Cruz de Coimbra.* Para o del-rei D. Affonso Henriques se trasladaram os ossos da rainha sua mulher, e estão n'elle em ataúde distincto, como alcancei de uma relação manuscripta d'aquella casa. [2]

E D. Nicolau de Santa Maria foi, porventura, o segundo que escreveu sobre o assumpto. Na sua *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho*, liv. iv, cap. xxxi, § x, diz o seguinte:

«Aberta a sepultura do santo rei D. Affonso, se acharam dois ataúdes, em o maior se achou o corpo do santo rei; no segundo ataúde estava o corpo da rainha D. Mafalda, mulher do santo rei D. Affonso, com duas caveiras pequenas de meninos, e alguns ossos pequeninos.»

E mais adiante no § xiv acrescenta o seguinte:

«E envolto o santo corpo *(del-rei D. Affonso Henriques)* no dito manto branco, se poz outra vez no ataúde, e foi mettido no sepulchro novo. O mesmo se fez ao corpo del-rei D. Sancho, e das rainhas, etc.»

Não diz positivamente, como Brandão, que o corpo de D. Mafalda foi encerrado no tumulo de D. Affonso Henriques; attendendo, porém, a que haviam permanecido ambos no mesmo jazigo, e affirmando o chronista, que os restos mortaes das rainhas foram para os novos tumulos transferidos, devemos concluir, que no mesmo tornariam a reunir-se D. Mafalda e D. Affonso Henriques.

D. Antonio Caetano de Sousa é o terceiro dos es-

---

[1] Herrera — *Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. iii, fl. 122 a 124. — Conestagio — *Uniao de Portugal*, liv. vii, pag. 811 a 314.

[2] *Breve Chronicon Alcobacence.* — *Portugaliæ Monumenta Historica*, vol i, fasc. i, pag. 21. — Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, liv. x, cap. xxxviii, tom. ii pag. 326 *(Edição da Academia).* — D. Nicolau de S Maria, *Chronica dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, liv. ix, cap. xxxi, pag. 277. — D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, liv i, cap. ii, pag. 60. — João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, tom. i, cap. vii, pag. 363. — Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, tom. i, pag. 439. — Frederico Francisco de La Figanière, *Memorias das Rainhas de Portugal*, pag. 54, etc.

[3] *Memorias das rainhas de Portugal*, pag. 54.

[4] *Memorias das Rainhas de Portugal*, nota iv, pag 234.

[1] Castro, *Mappa de Portugal*, tom. i, cap. vii, pag. 368.

[2] *Monarchia Lusitana*, l. cit.

criptores, que temos presentes, que na *Historia Genealogica da casa real Portugueza*, tom. I, liv. I, cap. II, nos diz expressamente, que a *rainha D. Mafalda jaz no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, junto com el-rei seu marido.*

Finalmente o padre João Baptista de Castro, no seu *Mappá de Portugal*, tom I, cap. VII, assevera, egualmente, que a *rainha D. Mafalda está sepultada no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, junto de seu marido.*

Outros escriptores de não somenos tomo, acaso, haverão referido, que D. Mafalda se acha no jazigo de Affonso Henriques; a todos, sem excepção, exclue da cathegoria de fidedignos o illustre A. das *Memorias das Rainhas.*

Ignorâmos os motivos com que fulminou este anathema infamante contra tantos varões esclarecidos. De D. Nicolau de S. Maria diz, que *é provavel tirasse essa noticia de uma memoria de Santa Cruz, que Brandão tambem viu, e considerou pouco authentica;* mas, por um simples *é provavel*, ha de rejeitar-se, sem mais exame, a verdade da noticia que podia haver chegado ao conhecimento do chronista por mui diversa via?

O dr. Fr. Antonio Brandão annunciou, primeiro, a trasladação dos ossos da rainha para a sepultura de D. Affonso Henriques sem reparo ou advertencia, pelas proprias palavras, que deixámos transcriptas; tratando depois do mesmo assumpto, disse o seguinte:

«Em memoria de Santa Cruz achei escripto, que para estes sepulchros se trasladaram tambem os ossos das rainhas suas mulheres, e d'alguns filhos d'estes proprios reis, e se depositaram em caixões distinctos: *no que não posso assegurar coisa certa, por me não parecerem as memorias muito authenticas.*» [1]

Parece que, a principio, não duvidára Brandão da authenticidade das memorias, porque referiu o facto, como dissémos, sem reflexão nem commento; vieram-lhe, posteriormente, os escrupulos, e, sem se atrever a negar a trasladação, não a póde, comtudo, *assegurar como coisa certa.*

Por boa hermeneutica não póde concluir-se do que Brandão ultimamente nos diz, que não houvera a trasladação; o que se deduz com toda a evidencia, é que o chronista cisterciense a não reputava um facto certo, indubitavel, *por lhe não parecerem mui authenticas as memorias* d'onde constava a noticia.

Mas esta duvida singular a ninguem auctorisa, para, desassombradamente, affirmar, *que não devemos dar credito aos escriptores, que dizem que os restos mortaes da rainha D. Mafalda se trasladaram para o novo mausoléo del-rei D. Affonso Henriques.*

(Continúa)

[1] *Monarchia Lusitana*, liv. XI, cap. XXXVIII, tom. II, pag. 648.

FABRICA DE FIAÇÃO EM XABREGAS

A fabrica de fiação, de Xabregas, representada na estampa, fica mesmo á entrada do valle de Chellas, um dos mais frescos e amenos dos arredores de Lisboa, e que fornece esta cidade de variadas e saborosas hortaliças. O valle começa logo ao sair das portas da Cruz da Pedra, na extremidade oriental da linha de circunvalação, ou fiscal, que limita a cidade, e terá um kilometro de comprimento desde a margem do Tejo até ao convento das freiras de Chellas. É cultivado todo de hortas na parte baixa e plana, e de olivaes e terras de semeadura pelas encostas, tudo entremeado pittorescamente de habitações e varias fabricas, apresentando excellentes paisagens realçadas pela magestade do rio, que n'este ponto tem 15 ou 16 kilometros de largura, e pelas animadas scenas do caminho de ferro de léste, que fecha, a cavalleiro, a embocadura do valle, correndo ao longo da margem do Tejo, d'onde começa a afastar-se no sitio da Samaritana, penetrando a profunda trincheira de Xabregas, celebre pelas successivas quédas e movimentos de terreno que n'ella tem havido. O desenho indica esta trincheira á esquerda da fabrica, e a direcção da via-ferrea. O edificio da fabrica foi levantado expressamente em 1854, em terreno ainda ha pouco foreiro ao hospital de S. José, e hoje remido pela empreza, cujos fundadores foram João Scott Howorth e Alexandre Black. Este ultimo foi tambem o architecto e engenheiro de todo o edificio e machinismo.

Esta empreza luctou a principio com embaraços e contrariedades proprias de taes tentativas n'um paiz atrazado na industria fabril. Foi para os remediar, e para desenvolver mais o estabelecimento, que os fundadores diligenciaram formar companhia anonyma por meio de acções; porém os capitaes, ainda entre nós muito timidos para emprezas d'esta ordem, não correram ao convite. Só depois, algumas pessoas que já com bom exito e intelligencia se dedicavam á industria fabril, formaram a companhia em fevereiro de 1858, subscrevendo com 150 contos, divididos em 750 acções de 200$000 rs. cada uma. Os principaes subscriptores foram Anjos & C.ª, José Elias de Miranda, Joaquim José Fernandes, José Ribeiro da Cunha, e outros, entre os quaes foram eleitos directores Alexandre Black, Joaquim Moreira Marques, e Antonio Ferreira Lima.

A fabrica depois d'esta transformação tem tido rapido e progressivo melhoramento. Logo no primeiro anno, 1858, deu 5 p. c. de dividendo, 6 em 1859, 8 em 1860 e 10 em 1861. As acções tem hoje o premio de 12 p. c., e raras apparecem no mercado.

O edificio representado na estampa compõe-se de tres pavimentos. No terreo está a machina de vapor, da força de 30 cavallos, e nos outros dois os teares e engenhos de fiação, com 4:600 fusos de fiar, e bancas para linha com 1:000 fusos de torcer. Tem officinas de tinturaria, calandra de lustrar, e um gazometro que fornece gaz para illuminação da fabrica. Dá diariamente trabalho a 140 ou 150 pessoas, sendo dois terços rapazes e raparigas.

Produz panninhos de côres lustrados para forros, empregando os correspondentes tecidos d'algodão inglezes; linha e cordas de algodão; fio em trama e urdidura, cru, branco e de côres, proprio para fabrico de tecidos. A producção do fio em 1858 foi de 137:000 arrateis; passou a 210:000 em 1860, e 243:000 em 1861.

Não se tem feito uso dos teares que a companhia possue, preferindo-se produzir fio para os fabricantes de tecidos, adequado a seus diversos trabalhos, e pelo menor preço possivel, pois que apesar do augmento de 80 réis, termo medio, do valor de cada arratel de algodão, apenas até ao corrente mez de janeiro, em que escrevemos esta noticia, subiu 20 réis o preço da mesma quantidade de fio. A empreza tem assim attenuado, quanto tem podido, os effeitos que a crise do algodão trouxe aos nossos fabricantes de tecidos d'este producto, que são já muito numerosos na pequena industria, prestando-lhes valioso serviço, e um auxilio digno de muito louvor.

No anno ultimo subiram a quasi 105 contos as vendas dos artefactos da fabrica, que são muito procurados em todo o reino, e que foram assaz apreciados na exposição industrial do Porto. O commissario regio n'aquella exposição, visconde de Villa Maior, os menciona e louva nos artigos que sobre o assumpto publicou na *Revista Contemporanea*. Vão tambem concorrer á exposição de Londres, indo algum fio excellente de algodão de Goa e Angola.

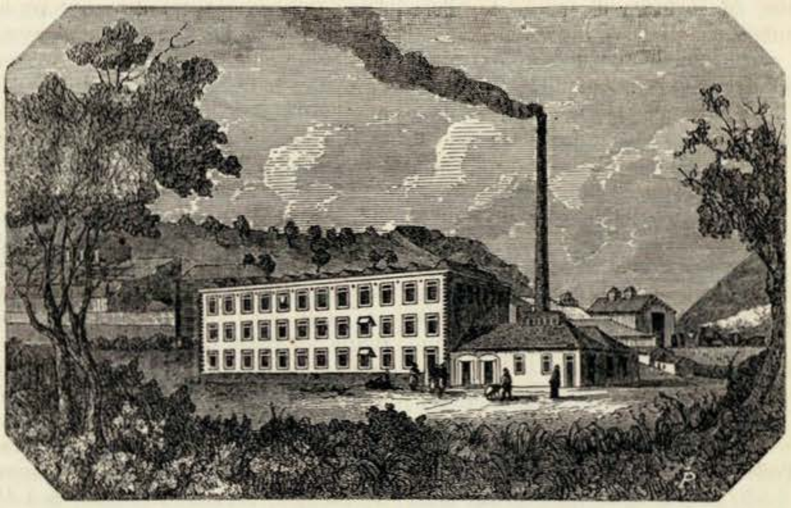
Os salarios dos operarios regulam de 260 a 340 réis para os adultos, homens e mulheres, e de 60 a 140 réis para rapazes e raparigas. O tempo de traba-

lho diario é de 12 horas uteis, tanto de verão como de inverno, apenas interrompidas pelo almoço e jantar. Parece-nos excessivo o tempo de trabalho, que assim ha de prejudicar o desenvolvimento physico das crianças. Em Inglaterra, apesar da ampla liberdade das suas instituições politicas, está regulado por lei que não exceda a 12 horas o trabalho fabril diario dos operarios, incluindo o tempo do descanço. É do bem entendido interesse dos donos de fabricas não explorar, por duras exigencias, a triste condição dos proletarios.

Nos estatutos da companhia de que tratâmos, ha a judiciosa disposição de terem os directores uma percentagem sobre os lucros liquidos. Conviria ampliar este preceito, deduzindo tambem outra percentagem sobre os mesmos lucros para dividir pelos operarios, segundo seus salarios e tempo de trabalho. Associal-os ao capital, fazendo-os participantes no lucro, ainda que em pequena escala, seria o melhor meio de conciliar interesses quasi sempre contrarios, como são os do emprezario e os do obreiro. Uma companhia que distribue dividendos de 10 p. c., está no caso de fazer esta concessão ou experiencia, que, acreditâmos, ainda augmentaria os seus lucros, estimulando a aptidão individual e favorecendo o aproveitamento do trabalho. Os interessados que considerem isto, que apenas tocâmos incidentemente.

Concluimos esta breve noticia, mencionando uma curiosidade que deve ser examinada pelos visitantes d'esta fabrica. É um modelo de bronze e ferro da machina de vapor que acima referimos, na escala de 1 por 25, no systema de William Fairbairn & Sons, com algumas modificações. A força é de seis centesimos de cavallo-vapor, e a capacidade da caldeira é para tres litros d'agua. Este modelo, que funcciona perfeitamente, é obra de Clemente Augusto d'Assumpção, habilissimo empregado d'este estabelecimento fabril.

C. J. Caldeira.



Fabrica de fiação em Xabregas — Desenho e gravura de Pedroso

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Vid. pag. 34)

Peralta, admirado, perguntou ao diabinho que gente era aquella, que em tanta quantidade entrava aos empuxões n'aquelle quarto, e os que d'elle saiam tão macilentos e fracos; quem era a formosa dama que defendia a porta aos que entravam, sem lhes haver respeito nem attenção; e quem era a que da banda de dentro servia de remissa porteira; e quem a que estava no throno por senhora da casa, porque o tinham attonito e fóra de si as circunstancias de tão admiravel representação.

O diabinho lhe respondeu, que os que entravam aos empuxões, tão cegos e desatinados, eram os incontinentes que, estimulados dos lascivos appetites, iam atraz d'elles como gato a bofes. Que a formosa dama que lhes impedia a entrada, a quem não tinham respeito, era a virtude, de quem elles, enganados, fugiam á redea solta. Que os que vinham saindo por entre os que entravam, fracos e macilentos, eram os que tinham consumido a vida e saude no exercicio libidinoso, e se passavam para o hospital d'aquelle noviciado a solicitar saude, para tornarem aos desenfados e desenfreados appetites em que andavam, sem arrependimento dos passados. Que a dama que remissamente servia de porteira, era a ociosidade, causa e motivo de todos os vicios. Que a do throno, senhora da casa, a cujo cargo estava o gasalhado dos que vinham fazer noviciado para o inferno, era a Sensualidade, terceiro peccado dos sete mortaes.

— Estou aturdido, disse Peralta, do desatino de tal gente, e da propriedade da sua representação, que entendo agora, e d'antes ignorava, confundido de tanta delicadeza.

— Attende, lhe replicou o fradinho, á representação que se segue no seguinte quarto.

Olhou Peralta, e viu que pelo portico d'elle entravam alguns sujeitos arrogantes, e tanto á valentona, que pareciam lynces que matam com os olhos, pois com elles amedrontavam aos que os viam; e sobre a preferencia de entrar, estiveram a pique de se matarem uns aos outros ás estocadas. N'estas differenças chegaram a uma sala, onde, sobre um throno de ferro e aço, estava uma mulher torpissima, vomitando sangue pela bocca, e expellindo raios pelos olhos, a qual, depois de deixar por um pouco seguir a pendencia, mandou aquietar os turbulentos, e fazendo-lhes grande gasalhados, lhes dizia:

Vós, que com rigoridade
Minha influencia exerceis,
Aqui em premio lograreis
De meu favor a equidade;
Pois que com indignações,
Apesar do entendimento,
Do primeiro movimento,
Executastes paixões.

Assim fallou, depois do que todos a reverenciaram,

e se foram accommodando em diversos logares, para n'elles fazerem seu noviciado.

Peralta, para se inteirar do que presumia d'aquella representação, pediu ao diabinho lh'a declarasse, e elle respondeu:

— Que a mulher que estava collocada no throno de ferro e aço, signal de suas armas, era a Ira, quarto peccado dos sete mortaes, e a mais inexoravel furia do inferno; a qual, ainda assim, tinha uma irmã divina que estava no ceo, que era a ira do Todo Poderoso, quando, offendido dos peccados sem arrependimento, castiga o mundo. Que, não obstante serem irmãs no nome, era tão justa uma como injusta a outra, e sempre estavam em perpetua contenda: a do ceo porque a outra a provocava com as maldades que influe nos homens, e a do inferno pelo sentimento que lhe fica, quando vê que para os arrependidos se transforma a do ceo em misericordia. Os que viste entrar tão arrogantes, são os sequazes da do inferno, que, obstinados na perversidade, vem fazer o seu noviciado a este quarto.

Lastimado Peralta da cegueira d'esta gente, disse para o seu companheiro:

— Maldita seja a soberba de vós outros, e a vossa ingratidão, que se ella não fôra, prevaleceríeis espiritos angelicos, e não estivereis sepultados nos abysmos infernaes, d'onde por odio e vingança viestes enganar a Eva, para fazer peccar Adão seu consorte, nossos primeiros paes, em cuja culpa incorreu todo o genero humano, perdendo a graça, e ficando sujeito ás miserias d'esta representação.

— Com tudo isso, respondeu o diabinho, não nos arrependemos, nem havemos de arrepender eternamente. Mas, deixando este argumento, porque te não fique nada por ver d'este noviciado, attende ao que se te representa no quinto portico.

Applicando Peralta os olhos, viu que entravam muitos homens carregados de mantimentos, tão sofregos e esfomeados, que vinham comendo ás mãos cheias do que traziam. Todos pararam n'um aposento rodeado de mesas, ao modo de refeitorio, qual d'ellas mais cheia de diversas e deliciosas iguarias, e na cabeceira uma mulher sentada, comendo sem descançar, e tão soffregamente, que tudo lhe parecia pouco, não cessando de mandar vir mais. Esta mulher, com o boccado na bocca, não cessando de comer, disse aos que entravam, que visto serem seus confrades, se assentassem, e lhe fizessem a razão, porque:

Quem por comer e beber
Faz na vida estimação,
Não come para viver,
Mas vive para comer
Como Epicuro glotão.

— E não vos pareça, continuou a comilona, que só vós outros sois meus sequazes; porque aqui tambem fizeram seu noviciado, em quanto viveram, Heliogabalo, Sardanaplo e outros.

Isto dizia a senhora da casa aos assistentes, sem deixar de comer; e elles, sem despejar a bocca, iam comendo e calando, como doentes de fome canina.

Ainda que Peralta conjecturava a figura d'aquella representação, não deixou de pedir ao diabinho lh'a declarasse, porque o fazia com grande subtileza. Ao que elle satisfez dizendo:

— Que a senhora d'aquelle quarto era a Gula, quinto peccado dos mortaes, e o que trazia infinita gente ao noviciado, e d'alli a levava ao inferno. Que os que lhe assistiam eram os glotões epicureos, seus sequazes, que não occuparam a vida senão em comer e beber, sem se compadecerem dos pobres e necessitados, e muito menos cumprirem as obrigações de christãos, tudo pelo vicio da glotoneria.

Admirado ficou Peralta de tão bruto desacerto; quando pelo portico do sexto quarto, viu que entravam muitos homens queixosos da sua desgraça, e murmurando dos venturosos, até chegarem á quadra onde estava collocada uma mulher como furiosa, comendo-se de raiva, por não poder conseguir o que seu insaciavel desejo lhe representava. Os recemchegados clamavam dizendo:

— Que vinham áquelle seu quarto acabar de passar a vida, porque não podiam, como seus subditos, ver tantas grandezas, nem soffrer gentilezas de que a viam privada. Ella, por gratidão, fez-lhes este epigramma:

O mal que por mim sentis,
Muito devo agradecer,
Pois a ninguem soffre[illegible]r
Bens que vós não possuis.

Das palavras do referido epigramma colligiu Peralta, que a figura que as tinha pronunciado era a Inveja, sexto peccado mortal, que, por abominavel, podéra ser o primeiro, se a Soberba se lhe não anticipára; e por isso não perguntou nada ao diabinho, occupando-se unicamente em discorrer na brutalidade d'este peccado, reconhecendo quão merecedora era a gente que n'elle caía de similhante noviciado.

N'isto contemplava Peralta, quando, desapparecida a sexta representação, viu que pela porta do setimo quarto vinham a entrar muitos homens e mulheres, todos mui devagar, pé ante pé, parando aqui e alli, com grande sorna, até que, depois de largo espaço, entrando todos, pararam n'uma quadra toscamente adereçada, com as mais das alfaias postas sem concerto, fóra de seus logares, e no meio d'ella erguido um desmantelado throno, sobre o qual estava deitada na cama uma mulher dormindo a bom levar, sem sentir as vozes que os que vinham entrando lhe davam, de quando em quando, para avisal-a de que eram chegados a seu quarto, a fim de que, como seus sequazes, lhes mandasse dar gasalhado; o que fizeram tantas vezes, até que a somnolenta senhora, levantando a cabeça, depois de se espreguiçar, e dar quatro bocejos, abrindo os olhos, deu fé dos circunstantes, a quem logo mandou dar gasalhado, e muito bem de comer e beber, dizendo-lhes, mal desperta, e como sonhando:

Comei e dormi, senhores,
Sem cuidado e com descanço,
Porque o comer e dormir
É da vida o mór regalo.
C'o cevo d'estas delicias,
E perguiçosos enganos,
Isco eu os meus anzoes,
Com que pesco tantos barbos.

Apenas a encamada senhora, mal desperta, acabou de pronunciar estas palavras, ficou logo outra vez a dormir, como se não tivera acordado.

Disse Peralta ao diabinho, que não entendia bem as figuras d'aquella visão, e assim estimaria lh'as explicasse. Ao que elle satisfez dizendo:

— Que a mulher que estava dormindo na cama era a Preguiça, setimo peccado mortal, que muita gente trazia ao noviciado do inferno, pois aquelles que alli via, com bigodinhos e polvilhados, todos peripaticos, andavam desvelados de dama em dama, e de pura preguiça ociosos, sem emprego nem trabalho, ostentando fidalguias sendo uns bosorreiros; que não se levantavam da cama senão ao meio dia, principalmente nos de missa, parecendo-lhes cumprem com a devida obrigação, indo buscal-a a horas que a não acham, ou pôrem-se ás portas das egrejas e a passear nos adros, notando as damas, fazendo-lhes macaquices, e com outros descobrindo-lhes defeitos, dando risadas, e levantando-lhes epitaphios, a que ellas correspondem, saindo muito devagar das egrejas, com as contas na mão, muito grandes, e de listões, que trazem mais

por gala que para resar por ellas: travando conversação com outras, por terem melhor occasião de se mostrarem a elles, e dar-lhes a entender com modilhos, disfarces e outras apparencias, as desenvolturas de que são dotadas, empregando-se mais na ociosidade e appetites levianos, que no trabalho e desvelo do seu governo e reputação.

Os que estavam dormindo, mais robustos na presença, eram officiaes e trabalhadores, que, por lhes dar o vicio da preguiça, tinham deixado de ganhar o sustento com o suor de seu rosto, na conformidade do divino mandato, e pelo adquirir com menos trabalho, se fizeram piratas das estradas, e por isso dormem tão descançados n'este noviciado, não temendo as forças que os ameaçam. As mulheres que entre elles vem, eram muito sisudas, e ganhavam de comer pela sua roca, almofada e costura, mas inficionadas da preguiça, atropellaram o justo procedimento, procurando ganhal-o sem trabalho. Com razão olha Lucifer a preguiça por senhora regalada d'este quarto do noviciado do inferno, pois lhe traz tanta gente a elle. Aqui, respondeu Peralta, porque estava já lastimado e enfadado de ver tantas representações de torpezas e miserias humanas, que não queria ver mais que seguir seu caminho.

— Seja embora, lhe disse o diabolico familiar, mas deixa passar o rio áquelle religioso, que acolá vem a cavallo, com os alforges recheados de coisas em que tenho parte, e quero te aproveites d'ellas.

— Eu escuso, respondeu Peralta, que nos meus levo bastante provimento.

— Não quero perder o que me dão, tornou o diabinho, porque a Deus o de Deus, e o de Cesar a Cesar.

N'isto, passando um religioso, se lhe espantou a mula, de sorte que, em desatinados coices e retortos movimentos, deu com o frade em terra, e deitou a fugir, indo o diabinho atraz d'ella.

Peralta acudiu ao religioso, e lhe foi buscar agua ao rio para beber. Perguntando-lhe se recebêra algum damno, respondeu que não, porque, como vira a mula tão desinquieta, se resolvêra a lançar-se d'ella o melhor que podesse, como fez, entendendo que se lhe tinha mettido o diabo no corpo, e a provocára áquella furia, porque era mansissima, e nunca tal houvera feito. Disse mais, que aquelle successo devia ser em pena d'elle não ter dito missa, por madrugar para a jornada; porém que isso lhe não tornaria a acontecer em sua vida, já que Deus lhe fizera mercê de o livrar de tão grande perigo, porque a missa não fazia perder tempo, e era o verdadeiro norte de toda a boa viajem.

A isto acudiu Peralta:

— Vossa paternidade falla como discreto, e asseguro-lhe que o diabo lhe espantou a mula por não haver celebrado, que elle não perde occasião em que possa molestar os servos de Deus.

N'este tempo chegou o diabinho com a mula pela rédea, e a deu ao religioso, dizendo: — Que nos saltos que ia dando lhe fôra caindo do alforge algumas coisas que elle não podéra arrecadar, por não perder a mula de vista, pois a fôra tomar muito longe.

— Seja por caridade, lhe respondeu o religioso, o trabalho de apanhar a mula, que o que do alforge caiu não importa nada.

E fazendo o signal da cruz para se montar, tendo-lhe Peralta mão no estribo, o diabinho desappareceu, e o religioso seguiu seu caminho.

Ausente o frade, disse o diabinho a Peralta que se aproveitasse de um pedaço de presunto, e de alguns doces dos alforges do religioso.

Peralta lhe respondeu:

— Que agradecia a offerta, mas que sentia o haver tomado ao religioso o que trazia para seu viatico.

— Eu, respondeu o diabinho, não tomei nada ao frade, que o que tomei era meu, por m'o haver elle dado primeiro.

— E isso como póde ser? — tornou Peralta.

— Has de saber, proseguiu o diabinho, que este presunto e estes doces, mandou aquelle frade a certa confessada sua, e vendo que o presunto era duro, e que não se acabava de cozer, disse ella: «Dou ao diabo tal presunto;» e o mesmo aconteceu com os doces. Como tardasse o moço que os fôra buscar, quando elle chegou, disse-lhe o frade muito agastado: «Leve-te o diabo a ti, mais os doces!» Assim que, no tomar o que me tinham dado, não fiz offensa a ninguem, que eu não sou homem de comprimentos, e logo tomo a palavra para seu tempo, quando então não haja logar.

Não teve Peralta que responder, mas sim que considerar, vendo aquelle exemplo e castigo de quem dá alguma coisa ao diabo.

(Continua)

BALEOTE

O baleote, depois da baleia, é o maior animal marinho, e alguns ha que pela sua corpulencia disputam o predominio dos mares á rainha do Oceano.

Chamam-lhe vulgarmente *cacholote*, porque tem uma *cachola*, ou cabeça enorme, e tanto que fórma a terça e até a quarta parte do comprimento total do corpo.

Houve tempo em que se reconheciam oito a nove especies de baleotes, divididas em tres subgeneros, porém os zoologistas modernos não admittem mais que uma unica especie.

O baleote é da configuração da baleia, mas não tem barbas, que lhe sirvam de dentes, como tem aquelle outro cetáceo, porém dentes verdadeiros, de uma substancia similhante ao marfim e da mesma dureza; vinte e tres no queixo superior, que lhes servem para segurar a preza; muito poucos, e quasi occultos nas gengives, os do queixo inferior, que formam uma especie de alvéolos que recebem os dentes de cima quando o animal fecha a bocca.

Ha baleotes do comprimento de 28 metros, com 17 de circumferencia. Porém o commum é terem de 16 a 22 metros de comprido, 3 a 4 dos quaes mede a cabeça.

Parece que os antigos tinham noções positivas dos baleotes, porque os ha nos mares cujas producções lhes eram conhecidas, e em especial no Mediterraneo. A orca dos latinos pertencia provavelmente a este genero de cetáceos; e ao baleote se deve referir o que diz Plinio de um enorme *peixe* [1] que sendo atacado em Ostia pelas galeras romanas, afundou muitas d'estas embarcações.

Comtudo só depois do renascimento das letras é que se encontram alguns documentos positivos sobre estes cetáceos. Ambrosio Paré foi o primeiro que gravou toscamente um baleote de 19 metros de comprido, fisgado em 1577 perto de Antuerpia. Vinte annos depois, Cluvio desenhou e descreveu um d'estes animaes arrojado ás costas de Hollanda.

Nos primeiros annos do seculo XVIII, Anderson teve occasião de examinar pessoalmente muitos baleotes encalhados na embocadura do Elba, publicando a respeito d'elles noções mui exactas; mas teve o desaccordo de lhes juntar certas observações erroneas que lhe ministraram varias pessoas.

Ultimamente alguns viajantes, entre elles, Chamis-

[1] Ainda hoje o vulgo, e muita gente que lhe não quer pertencer, suppõe que os cetáceos, taes como a baleia, o baleote, o golphinho etc. são peixes. Até n'um diccionario ha pouco reformado vem este erro imperdoavel!

A razão é porque estes animaes marinhos tem a fórma exterior dos peixes, e vivem no mar. Mas como o habito não faz o monge, só podem dizer ás baleias e baleotes, que se não querem ser peixes não lhes vistam a pelle...

so, Quoy et Gaimard, Beale etc, acrescentaram alguns factos aos que já se tinham colligido; mas é para lamentar que muitas vezes, não podendo elles observal-os, se viram obrigados a referir testimunhos de pessoas pouco escrupulosas. É d'este modo que o *cachalot bosselé*, figurado no Atlas do Astrolabio, foi desenhado pelas indicações de um marinheiro; e que Chamisso publicou as suas numerosas descripções e estampas tiradas das esculpturas de madeira feitas pelos pescadores das Aleucianas.

Os baleotes são vorazes; tudo comem, peixes, molluscos, crustáceos, e até dão caça aos tubarões e ás baleias pequenas, com tal furor que obriga estes poderosos animaes a arrojarem-se ás praias, onde muitas vezes os seus perseguidores ficam estatalados. Tambem as phocas não escapam aos assaltos do baleote, nem tão pouco o homem. Alguns pescadores irlandezes asseguram que muitas vezes estes cetáceos engolem os barquinhos de que se servem os povos do Norte, devorando juntamente os remadores.

Beale diz que por vezes encontrou, nas suas viagens, chusmas de duzentos a trezentos baleotes; e que os víra pelejarem entre si furiosamente, arremessando-se uns contra os outros, procurando filarem-se pela queixada inferior.

Suppõe-se que o baleote póde estar sem respirar hora e meia. Anda 8 kilometros por hora, mas póde dobrar esta velocidade sendo perseguido. Para isto levanta e abaixa rapidamente a immensa cauda; e o corpo, seguindo este movimento, sáe fóra d'agua e se prolonga alternativamente sobre as ondas; a cada impulso d'estes levanta-se desde 8 até 10 metros acima do nivel do mar.

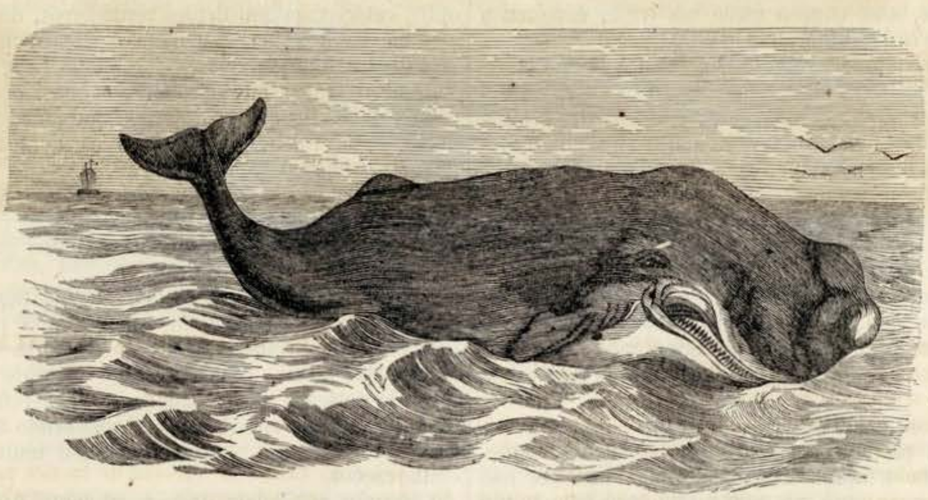
A pesca do baleote foi por muito tempo desprezada, pela razão de que estes cetáceos são mais difficeis de alcançar que as baleias, e dizem que não deixa de ter seu risco tal pescaria.

Os baleotes andam quasi sempre aos bandos, e quando presentem que algum está fisgado ou ferido, os outros correm logo a soccorrel-o. Então, mesmo um navio de alto bordo, não está seguro no meio d'estas columnas cerradas, cujos movimentos, impellidos pelo furor, são capazes de afundar ou engolir tudo quanto os cerca. Por isso os pescadores tem por muito tempo empregado a sua arte unicamente contra as baleias, cujo toucinho, mais espesso e menos fibroso, era mais rendoso para lhes recompensar o trabalho. Mas depois que o espermacete foi empregado na industria, e as baleias se tornaram mais raras, tem os pescadores declarado guerra de morte aos baleotes, a ponto de os afugentarem quasi inteiramente dos nossos mares, vendo-se obrigados a il-os perseguir até aos mares antarcticos. É de lá que vem presentemente o azeite de baleote, o espermacete, e o ambar gris, perfume usado como cosmetico, e que tambem entra na composição de certos medicamentos.

Esta substancia, sobre a qual importa dar mais ampla noticia, acha-se boiando á superficie das ondas, ou accumulada nas costas de Madagascar, das Molucas, do Japão, etc. Apresenta-se em fórma de musgo, de côr gris ou cinzenta, semeada de manchas escuras e amarellas. Amollece com o calor das mãos, e derrete-se em agua a ferver, ou na humidade continuada. Tambem se funde ao lume, reduzindo-se a um betume ou rezina côr do oiro.

É quebradiço em lascas, e arde com brilhante claridade, derramando um cheiro agradavel.

Por muito tempo se tem discutido sobre a origem



Baleote

do ambar; julgando uns que era formado pelo excremento de certas aves, outros que eram massas de rezina vegetal, modificada pela acção da agua do mar, do ar e do sol, transformando-se em materia betuminosa.

A principio adoptou-se a opinião de Swediam, que affirmou ser o ambar resultado dos alimentos mal digeridos pelo baleote; depois, Pelletier e Caventon julgaram que esta substancia podia ser um producto da materia biliosa que constitue os calculos de alguns cetáceos; e em fim, a opinião geralmente admittida hoje, é a de Blainville, que assegura ser o ambar uma substancia resultante da secreção analoga á que produz, n'outros mammiferos, o musgo e o castóreo, e que provém do baleote.

É digno de se reler o que a respeito do ambar escreveram os nossos auctores da historia da India e da America, nomeadamente Garcia da Orta. colloq. 3. e 7 — Fernão Lopes de Castanheda. Hist. da India, 4. 35. — Fr. João dos Santos, Hist. da Ethiopia. l. 1. 28. — Pedro de Magalhães de Gandavo. Hist. do Brasil. 8.

Hoje, porém, o melhor producto do baleote é a materia sebacea que lhe enche a cavidade encefatica, e se prolonga pelo espinhaço; substancia a que impropriamente se tem chamado espermacete, mas que hoje se lhe dá o nome de cetina.

Além dos usos que tem a cetina, desde muitos tempos, para as manipulações pharmaceuticas, e para os cosmeticos, emprega-a actualmente a industria no fabrico das mimosas e transparentes velas, ditas de espermacete, cuja luz é brilhantissima.

O baleote tambem dá azeite para luzes, tambem impropriamente chamado *azeite de peixe*, mas não tanto como a baleia.